

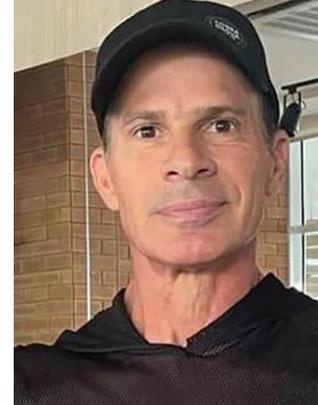


ELIZABETH RODRIGUES GOMES, 57

Medalha de ouro nas Paralimpíadas de Tóquio 2020, com direito a duas quebras de recorde mundial no lançamento de disco na classe F52, a atleta mais velha da delegação brasileira segue servindo de exemplo de uma história de superação incontestável. “A emoção na hora foi muito forte. Você fica inerte, sabe que vai levar aquele momento pra vida toda. Trazer uma medalha para o seu país é a maior honraria concedida a um atleta. É um sentimento de dever cumprido.” O sucesso no atletismo (20 recordes mundiais batidos entre disco, peso e lançamento do dardo) foi precedido por um histórico paralímpico no basquete em cadeiras de rodas (Pequim 2008). “Foram 12 anos treinando para conquistar esta vaga.” O primeiro esporte do coração, no entanto, foi outro. “Antes de ser diagnosticada com esclerose múltipla, fui jogadora de vôlei desde os meus 14 anos. Fiquei deficiente em 1993 (aos 27 anos) e três anos depois fui apresentada ao Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de Santos através do basquete.” Elizabeth trabalhou na Guarda Civil Municipal por quatro anos. E entrou sem querer: estava no horário de almoço, acompanhou o irmão e uma amiga na inscrição do concurso, e resolveu fazer. Foi a única que passou. **(DG)**

TÚLIO MARAVILHA, 53

Túlio Humberto Pereira Costa não resistiu. Abandonou a aposentadoria anunciada em 2019, e despendeu as chuteiras para entrar em campo pelo Sport Clube Brasil Capixaba (Serra, ES), na Série B do estadual local, que começa em 13 de agosto, contra o Castelo FC. “Decidi voltar a jogar futebol primeiro porque me considero um cara em forma, porcentual de gordura de 13%, que é porcentual de jogador de 20, 25 anos, e 73 kg, só 1 kg acima do meu peso ideal. E tem outra coisa, quem é rei não perde a majestade. A arte de fazer gols é para poucos. Sou um cara de posicionamento, a bola tem que chegar. E chegando duas a gente faz uma.” Após jogar em mais de 30 times profissionais, o Botafogo (RJ) é o do coração. “Lá me consagrei em 1995 com o título do brasileiro e a artilharia pela terceira vez.” Ele começou no Goiás, em 1987. Pela seleção brasileira, disputou a Copa América de 1995, no Uruguai – perdemos a final para os anfitriões nos pênaltis. A partida foi 1 a 1, com gol de Túlio, que erraria a cobrança de pênalti na decisão.



ELIZABETH RODRIGUES GOMES - ERICO HILLER / TÚLIO MARAVILHA - DIVULGAÇÃO
ANTÔNIO TENÓRIO DA SILVA - BUDA MENDES/LATIN CONTENT / MARCELO TOSI (52) - DIVULGAÇÃO
BETO PANDIANI - MARISTELA COLUCCI

MARCELO TOSI, 52

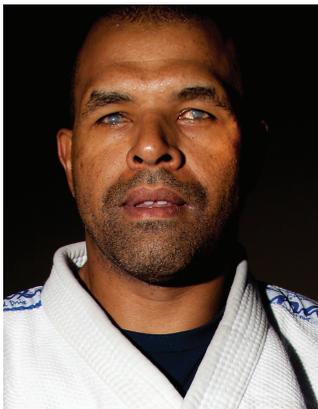
“Quanto mais o tempo passa, mais aprendemos com os cavalos. O sentimento da comunicação com este ser vivo maravilhoso se fortalece.” Palavras do paulista nascido em Piracicaba, mas crescido em Jaboticabal desde os 3 anos. “Com 4, já conhecia cavalos graças ao meu pai Hugo Tosi, que foi um bom cavaleiro de hipismo de saltos”. Ano passado, ao competir nos Jogos de Tóquio 2020, Marcelo alcançou sua quarta participação olímpica (Sydney 2000, Pequim 2008 e Londres 2012).

Em campeonatos mundiais, já bateu cartão três vezes – a quarta será este ano, em Roma. Com três medalhas pan-americanas por equipe e seis títulos de campeão brasileiro no hipismo completo, Marcelo monta de quatro a cinco cavalos por dia, pela manhã, quando está no Brasil. Vai para a Europa de duas a três vezes por ano, passar quatro semanas competindo com os três cavalos que tem baseados na Inglaterra. “Desde cedo, aprendi que temos que estar sempre prontos. Dedicção diária, disciplina e resiliência são fundamentais para prosperar.”



ANTÔNIO TENÓRIO DA SILVA, 51

O maior judoca paralímpico da história, com quatro medalhas de ouro (Atlanta 1996, Sydney 2000, Atenas 2004 e Pequim 2008), uma de prata (Rio 2016) e uma de bronze (Londres 2012) não trouxe medalha de Tóquio 2020, mas deu o que falar. Contraiu Covid-19 no primeiro semestre, ficou 18 dias internado, saiu com um comprometimento pulmonar de 85% – e conseguiu se classificar. “Quase morri, e com menos de 15 dias após sair do hospital, fui competir no Azerbaijão e na Inglaterra. Fiquei em terceiro no ranking e busquei a vaga pra Tóquio.” Tenório perdeu a disputa do bronze nos últimos três segundos para o uzbeque Sharif Khalilov. “Me desconcentrei, e ele foi persistente até o final. Agora, meu foco está em Paris 2024. Vou buscar a medalha que ficou em Tóquio.” Ele começou no judô aos 7 anos, incentivado pelo pai, em São Bernardo do Campo (SP). Aos 13, perdeu a visão do olho esquerdo ao ser atingido por uma estilingada de mamona. A visão do outro olho se perdeu seis anos depois, por uma infecção.



BETO PANDIANI, 64

As transformações climáticas e a diminuição da calota polar vão ficar mais evidentes na oitava expedição do velejador santista Beto Pandiani: Rota Polar, uma jornada de 100 dias do Alasca à Groenlândia que vai desaguar em documentário para cinema e no seu sétimo livro de aventuras marítimas. A parte terrestre começou em junho; a expedição no Ártico termina em setembro. Sabendo que podem enfrentar dias de pouco vento, um pedal foi acoplado ao barco como alternativa de propulsão. A primeira travessia de Pandiani foi batizada de Entre Trópicos, em 1994: dois catamarãs sem cabine de Miami até Ilha Bela em 289 dias, fazendo uma incursão inédita pelo interior da América do Sul, pegando os rios Orinoco, Negro e Amazonas. Em 2000, foi de Puerto Montt (Chile) para o Rio de Janeiro em 170 dias; já em 2003, encorrou o Estreito de Drake, de Ushuaia à Antártica em 42 dias. A travessia do Pacífico em 2007 durou 135 dias; enquanto a do Atlântico, em 2013, da Cidade do Cabo para Ilha Bela, 37 dias.

